



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

WALÉRIA RODRIGUES PEREIRA

**DO CONTO DE FADAS CLÁSSICO AO MODERNO:  
DUAS LEITURAS DE *A GATA BORRALHEIRA***

GUARABIRA – PB

2017

**WALÉRIA RODRIGUES PEREIRA**

**DO CONTO DE FADAS CLÁSSICO AO MODERNO: DUAS  
LEITURAS DE *A GATA BORRALHEIRA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rosângela Neres Araújo Da Silva.

GUARABIRA – PB

2017

P436c Pereira, Waleria Rodrigues.

Do conto de fadas clássico ao moderno [manuscrito] : duas letras de "A gata borralheira" / Waleria Rodrigues Pereira. - 2017.

22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Contos de Fadas. 2. Releitura. 3. Gata Borralheira.

21. ed. CDD 028.5

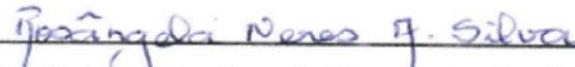
**WALÉRIA RODRIGUES PEREIRA**

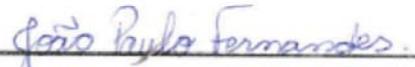
**DO CONTO DE FADAS CLÁSSICO AO MODERNO: DUAS LEITURAS  
DE A GATA BORRALHEIRA**

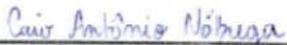
Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Aprovado em 06 de dezembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela Neres Araújo da Silva - UEPB  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. João Paulo Fernandes - UEPB  
Examinador

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes - UEPB  
Examinador

Inicialmente, dedico este meu trabalho a Deus, pois com sua permissão consegui chegar até aqui. À minha família, e de forma muito especial aos meus pais, que me acompanharam e sempre me deram forças para não desistir ao longo dessa jornada acadêmica. E à minha orientadora, Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente, expresso minha gratidão a Deus, que me permitiu chegar até aqui, e enfim concluir meu curso.

À minha família, de forma muito especial aos meus pais: José Roberto Gomes Pereira e Wanuza Rodrigues Pereira, que são meu orgulho maior e que me deram apoio o tempo todo, diante das dificuldades e desânimos, me fortalecendo e incentivando para que eu não desistisse.

Aos professores, não somente da universidade, mas a todos os outros, que no decorrer dos meus estudos compartilharam seus conhecimentos e vivências. Em especial, cito aqui a querida professora Maria das Graças (Gracinha), que sempre acreditou em mim, na minha capacidade, uma grande influenciadora na minha paixão pela língua portuguesa.

A professora e orientadora, Rosângela Neres Araújo da Silva, pois através dela pude conhecer e me maravilhar com os encantos que são proporcionados pela literatura infantil, e que prontamente me aceitou como sua orientanda e pacientemente compartilhou diversos conhecimentos.

Aos funcionários da UEPB, em específico os que formam a coordenação de Letras, pois também fizeram parte da minha caminhada no decorrer do curso, pela presteza e atendimento quando necessitei. Aos colegas de classe, pelos momentos de amizade e apoio que me encorajaram e incentivaram a cada dia buscar fazer o melhor.

Por fim, aos meus amigos e minhas colegas de trabalho, que sempre me apoiaram e vivenciaram muitos dos meus momentos de agonia e insegurança no decorrer da vida acadêmica, que sempre tinham uma palavra de incentivo e força para que eu prosseguisse, e que me apoiaram e ajudaram de infinitas maneiras.

“É preciso fazer compreender a criança que a leitura é o mais movimentado, o mais variado, o mais engraçado dos mundos. ”

Alceu Amoroso Lima

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2 CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL ..</b>	<b>11</b>
<b>3 O CONTO DE FADAS: ESTRUTURA E COMPOSIÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>4 DUAS LEITURAS DE: A GATA BORRALHEIRA .....</b>	<b>16</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>23</b>

## DO CONTO DE FADAS CLÁSSICO AO MODERNO: DUAS LEITURAS DE “A GATA BORRALHEIRA”

PEREIRA, Waléria Rodrigues<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente estudo tem por finalidade fazer uma análise da ressignificação dos contos de fadas, a partir de duas leituras de “A gata Borralheira”, na versão dos Irmãos Grimm e na versão de Pedro Bandeira. Observamos que, a partir do contexto e da linguagem, os contos apresentam diferenças relevantes, buscamos também, apresentar uma reflexão crítico didática sobre o uso da literatura infantil, abordando a análise a partir da ressignificação do conto de fadas promovidas pela intertextualidade entre o conto clássico e o moderno. Para tanto, partimos da leitura mapeada de cada conto, verificando as interseções entre eles e de que forma o clássico é ressignificado. Baseamos nosso estudo em estudiosos como Bettelheim (2002), Cadermatori (2006), Cunha (2003), Carvalho (2014), Kristeva (1974), dentre outros, que dialogam com a literatura infantil e a releitura dos contos de fadas.

**Palavras-chave:** Contos de Fadas. Releitura. A Gata Borralheira.

### 1 INTRODUÇÃO

Uma das referências da Literatura Infantil são os contos dedicados ao público mirim, que perpassam gerações e deixam um legado essencial, agregando valores aos vindouros que a esta arte se dedique. Os contos originam-se da arte popular, da cultura oral, onde pessoas se reuniam a contar estórias, e que tem como precursor o francês Charles Perrault, que no século XVII, coleta contos populares e os adapta para crianças. Dessa forma, Cadermatori (2006) aponta que:

O trabalho de Perrault é de um adaptador. Parte de um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia. Além dos propósitos moralizantes, que não tem a ver com a camada popular que gerou os contos, mas com os interesses burgueses. (CADERMATORI, 2006, p. 36)

---

<sup>1</sup> Formanda em Letras - Português, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela Neres de Araújo Silva. E-mail: waleriarp@gmail.com

Essa literatura sofreu e vem sofrendo alterações positivas, alcançando o seu público alvo de maneira satisfatória, pois estimula o conhecimento e envolve os leitores em um mundo repleto de possibilidades e fantasias, sem perder o elo com a realidade na qual vivem.

A leitura literária é de suma importância e precisa ser apresentada à criança desde cedo, para que possa desenvolver a cognição e despertá-la para o senso crítico. Esse contato oportunizará para elas uma melhor relação com os problemas a sua volta, buscando soluções mais eficazes.

Os contos podem ser excelentes cúmplices para a educação das crianças, uma vez que, o uso da literatura infantil se faz fundamental, além de ser lúdica, para a construção do imaginário e no envolvimento junto aos demais, propiciando a troca de experiências.

Se o homem se constitui à proporção da formação de conceitos, a infância se caracteriza por ser o momento basilar e primordial dessa constituição e a literatura infantil um instrumento relevante dele. Desse modo, a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. (CADEMARTORI, 2006, p.21)

A partir da concepção do que seria o conto de fadas, sua importância e o uso da literatura infantil como um meio favorável à educação infantil é que esta pesquisa se sustenta, fazendo uma ponte com a intertextualidade e a ressignificação que os contos infantis adquirem.

A análise parte de duas leituras de “A Gata Borralheira”, verificando a versão clássica dos Irmãos Grimm, originalmente publicada em 1812, e a versão de Pedro Bandeira, “Um par de tênis novinho em folha”, publicada em 1993, na coletânea *As sete faces do conto de fadas*, de Márcia Kupstas.

A pesquisa se deu por uma análise qualitativa, comparando os dois textos, mapeamento suas consonâncias e dissonâncias, a fim de mostrar a ressignificação do conto de fadas na atualidade. Para tanto, utilizamos os estudos de Bettelheim (2002), Cadermatori (2006), Cunha (2003), Carvalho (2014), dentre outros. Evidenciamos que as releituras e ressignificação do conto de fadas promovem um diálogo entre os contos, mesmo modificando o tempo, o contexto e os personagens.

Assim, nosso trabalho apresenta a seguir os conceitos e características da literatura infantil, a estrutura e composição do conto de fadas, as leituras dos contos supracitados e sua ressignificação, as considerações finais e referências.

## **2 CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL**

Conceituar a literatura infantil não é uma tarefa fácil, pois trata-se de um importante e vasto meio de conhecimento e informações. É um imprescindível meio de formação do leitor que está descobrindo o mundo à sua volta. Assim como é colocado por Cagneti (1996, p. 23), “a literatura infantil é fonte inesgotável de conteúdos para melhor compreender a si e ao mundo”.

A infância proporciona a relação com o mundo imaginário, a fantasia, e é justamente nessa fase que se deve enxergar a oportunidade de se criar aprendizagens, meios que explorem ao máximo o potencial da criança, através do trabalho com a linguagem literária e seus significados. Cagneti (1996), afirma que:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura, melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização. (CAGNETI, 1996, p.7)

Antes de qualquer objetivo educacional, a literatura infantil é arte e está relacionada a um público cuja formação envolve toda a experiência prévia de leitura que a criança tenha. Sendo assim, se faz influente e primordial na constituição da emancipação da criança e de que modo ela irá utilizar as informações que adquire, a partir do contato com o meio social.

As crianças, assim como também os jovens, dispõem de espíritos inquietos, e são facilmente atraídas por situações e fatos que se renovem constantemente, e de formas imprevistas e que as envolvam na história que leem. De acordo com Cunha (2003):

A narrativa para crianças não dispensa o dramatismo, a movimentação. Irrequieta por natureza, incapaz de uma atenção demorada, a criança irá interessar-se naturalmente por livros onde a todo momento apareçam fatos novos e interessantes. (CUNHA, 2003, p.97)

No entanto, vale ressaltar que uma obra literária composta para o público infantojuvenil, precisa acompanhar a evolução do desenvolvimento cognitivo que é percorrido da infância à adolescência. Seguindo nesse pensamento, se faz necessário destacar que, dentro de cada fase, há influência direta ou indiretamente das experiências adquiridas através do meio em que a criança vive e o contato com a leitura que lhe foi permitido. Como coloca Cunha (2003):

Mais do que conhecer as fases do desenvolvimento infantil, importa conhecer a criança, sua história, suas experiências e ligações com o livro. Por isso mesmo, as características e limites das fases são apenas pontos de referência, generalizações que não se podem confirmar diante da criança específica que temos diante de nós. (CUNHA2003, p.100)

A caracterização principal da literatura infantil está na forma em que cada texto se direciona ao leitor, considerando a conformidade com a capacidade de leitura prevista, ou já alcançada, por este público leitor.

Segundo Lajolo (1999), as primeiras obras publicadas, visando o público infantil, foram inseridas no mercado livresco na metade do século XVIII. Os contos eram adaptações de narrativas orais contadas através dos servos inseridos nas famílias burguesas. As coletâneas desses contos feitas inicialmente pelo francês Charles Perrault originaram os contos de fadas e caracterizaram os primeiros textos para a infância, no que se refere à linguagem escrita.

Perrault adapta os contos populares e os coloca dentro dos padrões da sociedade burguesa, deixando as referências aos contos populares menos evidentes. Segundo Cadermatori (2006):

Além dos propósitos moralizantes, que não têm a ver com a camada popular que gerou os contos, mas com os interesses pedagógicos burgueses, observem-se os seguintes aspectos que não poderiam provir do povo: referências à vida na corte, como em A Bela Adormecida; à moda feminina, em Cinderela; ao mobiliário, em O Barba Azul. (CADERMATORI, 2006, p.36)

Data também dessa época, o conceito de infância e de família, advindos da revolução industrial e o enfraquecimento do domínio rural. Segundo Lajolo (1999):

A manutenção de um estereótipo familiar, que se estabiliza através da divisão do trabalho entre seus membros (ao pai, cabendo a sustentação econômica, e a mãe, a gerência da vida doméstica privada), converte-se na finalidade existencial do indivíduo. Contudo, para legitimá-la, ainda foi necessário promover, em primeiro lugar, o benefício maior desse esforço conjunto: a

criança. A preservação da infância impõe-se enquanto valor e meta da vida; porém, como sua efetivação somente pode se dar no espaço restrito, mas eficiente, da família, esta canaliza um prestígio social até então inusitado. (LAJOLO,1999, p.17).

Nesse caminho, nos séculos seguintes, a literatura infantil se desenvolve com novas coletâneas de contos, a exemplo da que já foi realizada na Alemanha, pelos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, mais comumente conhecidos como Irmãos Grimm, e uma sequência de outros autores de grande importância para a literatura infantil. De acordo com Cademartori:

No século XIX, outra coleta de contos populares é realizada, na Alemanha, pelos irmãos Grimm (João e Maria, Rapunzel), alargando a antologia dos contos de fadas. Através de soluções narrativas diversas, o dinamarquês Christian Andersen (O patinho feio, Os trajes do imperador), o italiano Collodi (Pinóquio), o inglês Lewis Carrol (Alice no país das maravilhas), o americano Frank Baum (O mágico de Oz), o escocês James Barrie (Peter Pan) constituem-se em padrões de Literatura Infantil. (CADEMARTORI, 2006, p. 33-34).

A importância para qual foi dada à Literatura Infantil possibilitou que assim surgissem outros nomes nesse meio e conseqüentemente o seu desenvolvimento pelo mundo, no contato com essas obras. Costa (2003) ressalta que:

A literatura Infantil, portanto, tem a criança como principal representante, pois a representa sempre em busca de uma explicação que, mesmo quando mais lógica, é ainda mágica. Por isso, o gosto pelo mundo sobrenatural com fadas, ogros, bruxas serve como para dar asas à imaginação. A criança serve-se do real, justamente, para penetrar em sua fantasia. Essa literatura surge simultaneamente para instruir, divertir e educar, trazendo a criança ao mundo que ela se identifica e sente-se livre para formar suas capacidades intelectuais e sociais, visto que, elas ainda estão num processo de formação de experiências. (COSTA, 2003, p.49)

No Brasil, o início da literatura infantil dá-se com a obra de Monteiro Lobato, criador do Sítio do Pica-Pau Amarelo e adaptador de muitas fábulas e contos de fadas clássicos. Seus textos buscam nos tipos nacionais a referência para sua literatura. De acordo com Lajolo (1999), a literatura infantil sob o olhar de Monteiro Lobato, criador do Sítio do Pica-Pau Amarelo, apresenta uma interação com o grupo social como agente formador e modificador da percepção do público. Em sua produção literária são apresentadas as características da vida cultural brasileira, constituída em determinados momentos de nossa história de forma consciente, devido à visão e à

convicção que tinha do livro como meio eficaz de modificar a percepção e a importância da leitura no processo social.

Era preciso apresentar ao povo brasileiro sua verdadeira cultura, tradições não como ufanistas, mas valorizando a nacionalidade, sem “pintar” descrições de uma cultura como quem não faz parte dela, mas procurando valorizar a cultura nacional.

Segundo Cadermatori, para Lobato,

O Nacional deixa de ser pitoresco para ganhar tipificação humana em Jeca Tatu, personagem polêmica, causadora de inúmeras discussões, na medida em que contrapunha ao ufanismo da paisagem exuberante na qual se havia enxertado o indígena belo e cavalheiresco. (CADERMATORI, 2006, p. 47)

Monteiro Lobato traz para suas obras a advertência, denúncia, desperta a criticidade para as questões sociais, valorizando características como a inteligência, a esperteza, o diálogo. Sobre tal afirmação, Cademartori (2006) mostra que:

A esperteza, habilidade quase maliciosa da inteligência, é igualmente valorizada. Emília, sua notável personagem, diz em certa altura da obra: 'Aprendi o grande segredo da vida dos homens: a esperteza. Ser esperto é tudo'. É essa, também, a moral de muitas de suas fábulas. (CADEMARTORI, 2006, p.51-52)

Hoje em dia, o mercado livresco da literatura infantil oferece uma variedade de produção literária que atinge todas as faixas etárias, com autores consagrados e que, dentro desse gênero, atribuíram suas marcas e muitas vezes sendo reconhecidos como autores para a infância, apesar de muitos deles escrevem para diversos públicos: Ziraldo (*O menino maluquinho*); Cecília Meireles (*Ou isto ou aquilo*); Chico Buarque de Holanda (*Chapeuzinho Amarelo*); Ana Maria Machado (*Histórias meio ao contrário*); entre tantos outros.

### **3 O CONTO DE FADAS: ESTRUTURA E COMPOSIÇÃO**

A origem dos contos é algo que ultrapassa milênios. São histórias muito antigas, passadas de geração a geração através da oralidade. O fato da importância e longevidade dos contos de fadas, pode-se dizer, ocorre por estarem atrelados à sabedoria popular, através de temáticas próprias da condição humana, que apresentam situações comuns e traços reais da vivência humana.

Segundo Góes (1991, p.116), “o conto de fadas precisa conter a presença do maravilhoso, pois é ele que fortalece o caráter imaginário da narrativa. Nessas histórias, o herói ou a heroína buscam vencer os obstáculos para conquistar o final feliz”. Isso nos leva a pensar sobre a relação que se faz com a vida real, o momento que o imaginário funde-se ao real, pois o herói e a heroína da vida real é cada ser humano que percorre por caminhos árduos na busca por dias melhores.

A narrativa que compõe um conto precisa surpreender a criança, entrelaçá-la no enredo, e para isso é preciso que se recorra à movimentação e dinamismo, surpreendendo a criança. Sendo assim, para Cunha (2003):

É importante a narrativa linear, com tempo cronológico (e não psicológico), sem cortes e voltas ao passado (*flash-back*) ou a cenas paralelas, sem “fluxos de consciência”. Os recursos narrativos mais adequados à criança costumam formar o conto ou o romance de ação, nos quais predominam a intenção de distrair, sem outro compromisso que o de narrar uma história interessante.

Essa história interessante deve ter o desfecho feliz. Esse é um requisito essencial sobretudo para as crianças mais novas. (CUNHA,2003, P.99)

Inicialmente, ao estudarmos os contos de fadas, verificamos que as narrativas mais antigas não eram particularmente voltadas para o universo infantil, uma vez que traziam assuntos ou passagens sobre morte, canibalismo e sexo, que não se adequam ao contexto da infância, e a ideia de infância não existia, pois, as crianças eram vistas como pequenos adultos.

Assim, segundo Cadermatori (2006, p.40), é preciso levar em conta dois momentos: o momento do conto folclórico, sem endereçamento à infância, circulando entre adultos, e mais tarde, a adaptação pedagógica, com direcionamento à criança.

Na atualidade, podemos observar uma certa preocupação ao produzir um texto para a infância, e até mesmo as adaptações seguirão critérios de composição importantes. O conto de fadas não necessariamente deve passar uma lição para criança, mas desenvolver nela a habilidade de reconhecer seus conflitos internos, buscando sua identidade, sem omitir a realidade.

Os contos de fadas possuem características estruturais próprias, e envolvem a criança em um mundo que lhe proporciona diversas situações e momentos distintos, levando-os a percorrer espaços e lugares diferentes a cada história, abarcados na fantasia, no imaginário. Para Abramovich (2008, p.121), “a magia não está no fato de

haver uma fada já anunciada no título, mas na sua forma de ação, de aparição, de comportamento, de abertura de portas”.

Assim, Abramovich aponta para algo que é essencialmente importante ressaltar, que assim como se faz necessário conhecer a criança para qual irá ler o conto, ou entregar o livro para ler, é preciso permitir a criança descobrir por si só a história, sem omissões, deixando-as ter contato com a história por inteiro, com todos os seus elementos.

A criança ao ter contato com a narrativa por completo, com todos os seus elementos, passa a conhecer sentimentos como medo, o amor, a crueldade, a angústia, das perdas e ganhos na vida. Elas passam a se conectar com o real, fazendo a transição e ligação do que apenas está na narrativa, mas que também percorre e pertence ao seu mundo real.

A criança de hoje está em contato, no seu cotidiano, com diferentes informações a cada momento, expostas a novidades e experiências diferentes. Bettelheim aponta que:

Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos. (BETTELHEIM, 2002, p.12).

Observando por esse ponto, o que se pode perceber é que se faz extremamente importante permitir que a criança tenha contato com os contos de fadas, pois eles influenciam diretamente a descoberta de sua identidade, despertando sua personalidade, conduzindo-as por escolhas que as acompanhem em estágios diferentes de sua vida.

#### **4 DUAS LEITURAS DE “A GATA BORRALHEIRA”**

Partindo do ponto de vista de que o conto de fadas contribui para a evolução e constituição da identidade da criança e do adulto, mesmo que em níveis diferentes,

os contos de fadas são ímpares, e para cada público trará uma significação diferenciada. Segundo Bettelheim (2002):

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (BETTELHEIM, 2002, p.12).

A partir das duas leituras de “A Gata Borralheira”, na versão dos Irmãos Grimm, e na versão de Pedro Bandeira, “Um par de tênis novinho em folha”, refletimos sobre os elementos que ressignificam a releitura do conto clássico para a modernidade. Bettelheim (2002), observa que:

O prazer que experimentamos quando nos permitimos ser suscetíveis a um conto de fadas, o encantamento que sentimos não vêm do significado psicológico de um conto (embora isto contribua para tal) mas das suas qualidades literárias - o próprio conto como uma obra de arte. (BETTELHEIN,2002, p.12)

“A Gata Borralheira”, dos Irmãos Grimm, narra a história de uma jovem que, ao perder a mãe, vê-se em conflito com sua madrasta. Ela torna a menina uma criada da própria casa, atribuindo-lhe funções domésticas pesadas e, por se encontrar sempre perto do borralho, coberta de cinzas e poeira, as meias-irmãs lhe atribuem o apelido de Gata Borralheira. Como toda moça jovem, ela tem o sonho de casar-se e constituir sua família, mas vê esse sonho muito distante, por causa da realidade em que vive. Ao saber do baile que o rei daria em honra de seu filho e que nesse baile o príncipe escolheria sua futura esposa, a Gata Borralheira expressa sua vontade de ir em companhia das irmãs. Mas, a madrasta a impede.

No túmulo de sua mãe, onde nascera uma árvore mágica, a menina lamenta a vida que tem e se ressentido do futuro triste que provavelmente viverá. Mas a árvore lhe fornece três vestidos para os três dias de baile do príncipe e os pássaros que moram na árvore lhe advertem que ela pode ir ao baile, mas que não deve deixar ultrapassar a meia-noite para voltar para casa. No terceiro dia, encantada com o cortejo do príncipe, ela esquece da hora e precisa sair às pressas do baile, perdendo um dos sapatos dourados na escadaria do palácio. O príncipe, então, a procura por todos os lugares, em posse do sapato, e depois de várias tentativas frustradas, ele finalmente encontra a sua princesa.

O conto tem uma versão adaptada por Charles Perrault, intitulada “Cinderela”. Nessa versão, há a presença de uma fada madrinha, que se encarrega de auxiliar a menina, com sua mágica. O baile também é diferente e dura somente uma noite e o sapatinho não é de ouro, e sim de cristal. Apesar das diferenças, ambas as versões mantêm o mesmo mote: o enaltecimento da moça simples e sofredora que é caridosa e piedosa, por isso, consegue realizar o desejo de ser princesa.

Neles, a ressignificação está nos personagens e no contexto. A versão de Perrault é adaptada aos moldes do século XVII, contendo referências de pompa e riqueza. A versão dos Irmãos Grimm é mais mística, voltada ao dado maravilhoso e as referências à realeza são mais palpáveis. O desprezo da madrasta e suas filhas pela Gata Borralheira é mais enfatizado e o esforço das irmãs em se tornarem princesas beira o grotesco, pois elas cortam os pés para que caibam no sapato.

Na versão de Pedro Bandeira, intitulada “Um par de tênis novinho em folha”, um dos contos presentes na coletânea “*As sete faces do conto de fadas*”, publicada em 1993, pela editora Moderna, a Gata Borralheira ganha uma narrativa mais atual. As ações da história agora se passam na periferia de uma cidade grande. Caroline é uma jovem batalhadora, que precisa trabalhar, e que almeja uma vida melhor. Junto com a amiga Simone, trabalham em fábricas vizinhas, estudam no mesmo colégio e moram na mesma rua. São amigas desde a infância e vivem uma vida bastante difícil, pois nenhuma delas tem dinheiro ou *status* social.

Caroline e Simone moravam na periferia, no mesmo bairro distante, na mesma quadra, e eram cara-e-coroa desde a infância. Aos dezesseis anos, quando ambas precisaram começar a trabalhar, tinham procurado e conseguido emprego em fábricas vizinhas, e assim podiam ir e voltar do trabalho sempre juntas, estudava à noite também no mesmo colégio e na mesma classe e iam direto para as aulas, depois do trabalho, sem tempo nem mesmo para jantar. Desciam no ponto final do ônibus e andavam uma boa meia hora antes de chegar no colégio. (BANDEIRA,1993, p.14)

Certo dia, as amigas são convidadas para irem a uma das festas da menina mais rica do bairro, a Marilu. Ao receberem o convite, ambas ficam muito felizes, mas percebem que não será possível comparecer. Simone já tinha um compromisso, ia encontrar o namorado, e assim Caroline não tinha com quem ir, portanto, a sua madrasta, uma mulher má e interesseira a qual ela chamava de “bruxa”, provavelmente a impediria de ir sozinha. Vendo que a festa era importante para a amiga, Simone decide surpreendê-la:

No dia seguinte, Simone trazia um estranho sorriso, quando as duas se encontraram no ponto de ônibus. – o que você está escondendo, Simone? – perguntou Caroline. A amiga continuou calada, mistérios, saboreado a revelação. Só quando o ônibus já tinha andado várias quadras, e as duas já tinham sacolejado bastante, agarradas aos balaústres, Simone falou, como que procura um assunto a esmo: - Como é? Já pediu alvará para ir a festa da Marilu? – Eu, nem pensar! Meu pai até deixaria, mas aquela bruxa da minha madrasta nun... – Você vai a festa, Caroline! - interrompeu Simone. - Eu falei com meus pais. Daqui a pouco, minha mãe vai a sua casa convidar seu pai e sua madrasta para jogar cartas no sábado. Estão convidados para chegar lá de tarde. Meu pai garante que segura os dois até a noite. Vai até comprar cerveja. Você está livre, menina! (BANDEIRA, 1993, p.18)

Caroline não se conteve de alegrias e agradeceu a generosidade de Simone. Porém, esta tinha uma recomendação importante: “- Mas trate de voltar antes de meia noite. Meu pessoal não garante segurar seu pai e sua madrasta até muito mais tarde”. (BANDEIRA, 1993, p.18). Entretanto, para Caroline o problema da festa não estava totalmente resolvido, pois precisava de uma roupa bonita e um sapato novo. Infelizmente, não tinha como comprar, o dinheiro que ganhava no trabalho mal dava para se manter durante o mês. Mas Simone emprestou-lhe um jeans novo e uma blusa de seda rosa que era de sua mãe. Porém, nem mesmo essas coisas todas animaram a amiga, porque ainda lhe faltavam os sapatos. Então, Simone consegue na fábrica em que trabalhava “um par de tênis novinha em folha” para a amiga, omitindo os artifícios que precisou usar para realizar o desejo de Caroline de ir à festa.

Simone só trabalhava naquele emprego, seu primeiro emprego há quatro meses, mas conhecia o encarregado muito bem. Afastou o corpinho um pouco, fugindo ao contato da coxa de Xavier. – o que é isso bonequinha? Parece uma gatinha arisca! Você sabe que, se eu quiser, ninguém vai descontar nada de você. Ora, vamos! Um beijinho só... E aproximou aquela boca asquerosa, exibindo um sorriso cariado. Simone recuou, caiu sentada e encarou o encarregado: - está bem. Mas quero uma coisa. O nojento do Xavier conseguiu o seu beijo, mas Caroline ganhara um par de tênis novinho em folha. (BANDEIRA, 1993, p.21).

No dia da festa, Caroline estava belíssima e segue a realizar seu sonho. Mais uma vez, Simone recomenda-lhe o horário, mas ao chegar na festa sua beleza chamou atenção de todos, até mesmo daqueles que nunca a haviam percebido. E sonho de Caroline se tornou realidade, conhecer um príncipe que fosse rico e que não se importasse dela ser uma moça humilde.

Lá estava ele. Lindo como um desenho. Desses que a gente acha que só um artista pode criar com seus pinceis. Caroline ficou hipnotizada, do outro lado do sala, olhando para aquele rosto examinado as roupas caras, os tênis importados, a camisa aberta no peito o sorriso iluminando a festa. Ao mesmo tempo, como se fossem os pólos opostos de dois ímãs, seus olhares encontraram-se e ele também a percebera. E ele também parecia fixar-se no rosto jovem, lindo, delicado de Caroline. (BANDEIRA,1993, p.22-23).

Tudo estava maravilhoso, mas Caroline havia esquecido do horário recomendado por Simone. Rapidamente, despediu-se com um breve beijo, e saiu da festa correndo. O rapaz decidiu ir atrás dela e percebeu que, na pressa, ela havia deixado um de seus tênis para trás. Ele tenta alcançá-la, sem sucesso. Caroline sempre sonhou com um príncipe, com um casamento e uma vida melhor. Ganhar e perder na mesma noite o seu tão sonhado príncipe a entristeceu.

- Ai, Simone, eu não sei se estou contente ou se estou triste! Foram as horas mais gostosas da minha vida, foi um sonho que se realizou. Mas... e agora? Eu tive que fugir. Já era meia-noite. Nem sei o nome dele, nem onde ele mora, não sei nada. E ele não sabe nada de mim. Talvez seja melhor assim. O que ele iria pensar se soubesse que eu sou tão pobre? O que um garoto rico como ele, que tem de tudo, ia querer com uma garota pobre como eu? - Ora, Caroline, você não deve pensar que... - Não Simone. Chega de sonho. Eu vivi meu sonho lindo, mas está na hora de pôr os pés no chão. Ele não é para mim... (BANDEIRA,1993, p.26)

E mesma noite, Simone retorna com boas notícias: “- Tem um rapaz que passou o dia andando pelo bairro inteiro, com um tênis na mão, perguntando a todo mundo de quem era...” (BANDEIRA,1993, p.26). E assim Caroline reencontrou seu príncipe, que revelou:

- Caroline. Ouça. Eu não tenho nada que lhe possa oferecer. Sou pobre demais. Só fui aquela festa ontem porque um amigo me emprestou as roupas... Tudo que eu posso dizer a você é que eu tenho vontade. Que eu não me entrego facilmente. No momento, eu só tenho um emprego de office-boy numa firma de contabilidade... Estou falando isso tudo nem sei por quê. É que eu tenho de fazer com que você me aceite como eu sou. Juntos, eu sei que nós seremos mais, muito mais... (BANDEIRA,1993, p.27-28).

Mesmo frente ao dilema de que seu príncipe não tinha posses, mas era muito trabalhador, Caroline percebe que o dinheiro não é mais importante que o caráter e a felicidade e decide aceitá-lo:

Caroline olhou-o profundamente dentro dos olhos, procurando enxergar-lhe a alma, o interior, queria ver entranhado nele todo carinho que ela sentia por ele, naquele momento, e para sempre... sorriu, enlaçou-lhe a cintura e puxou-o para ela:

- Meu príncipe encantado! (BANDEIRA, 1993, p.27-28).

Na versão de Pedro Bandeira, muitas referências ao conto clássico podem ser observadas. A estrutura formal é linear, as ações são encadeadas e contínuas promovendo a dinâmica da narrativa, há muitos diálogos, o discurso direto se faz presente, os personagens possuem algumas diferenças na sua caracterização, há a presença da fada madrinha, a importância do casamento. Porém as situações são novas e a forma de se alcançar o conflito também, bem como o desfecho, que apresenta transformações. A linguagem, as marcas temporais (os jeans, os tênis, o ônibus) e as questões sociais transformam o contexto do conto de fadas moderno.

As adaptações e releituras dos contos, ao resignificarem a narrativa, possibilitam ao leitor o contato com uma nova versão, intertextual, expandindo seus conhecimentos de leitura. Para Carvalho (2014):

A perseverança de um caráter universal artístico é o que possibilita à narrativa literária infantojuvenil sua liberdade, na acepção do formalismo russo, a qual resulta da capacidade da obra em romper com as modalidades pragmáticas de discurso e com as concepções de mundos de um determinado período, levando o leitor a deixar sua zona de conforto e vislumbrar novos horizontes estéticos e culturais. (CARVALHO, 2014, p.51)

Se levarmos em consideração a afirmação de Kristeva (1974, p.64) de que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade”, vemos como as referências e resignificações aos contos de fadas podem manter a atualidade do gênero literário, possibilitando a construção de diversas novas versões desses textos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo refletir sobre as leituras de “A Gata Borralheira”, dos Irmãos Grimm, e “Um par de tênis novinho em folha”, de Pedro Bandeira. Buscamos, através da intertextualidade, a ressignificação do conto de fadas clássico na atualidade.

Mediante o objetivo apresentado, podemos considerar que o propósito desejado pela pesquisa, em comparar a estrutura e o contexto em que os contos foram escritos, foi concretizado, esclarecendo a relação entre eles e analisando se a adaptação moderna mantém as características do gênero literário.

O conto contemporâneo, assim como podemos constatar, relacionando-o à infância e ao ambiente literário infantojuvenil, mantém tais características e muito lhe é acrescido conforme são atualizados. A ressignificação da história clássica é referencial, realizada com base nas mudanças contextuais exigidas pelo gênero.

A releitura é o ponto chave e bastante importante para que o diálogo entre os contos ocorra, permitindo trazer as referências do clássico para uma nova roupagem. Portanto, em se tratando da segunda versão, a problemática construída traz aspectos que refletem o cotidiano.

As recriações se fazem necessárias, uma vez que manifestam um ponto de vista que reinterpreta os contos. E isso só se torna possível pelo grande número de autores que se responsabilizam em manter as individualidades do gênero literário infantil, ao mesmo tempo que expandem o seu contexto nas adaptações e reescritas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2008.

BANDEIRA, Pedro. Um par de tênis novinho em folha. In: TELLES, Carlos Queiroz. Sete faces do conto de fadas. São Pulo: Moderna, 1993.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasilense, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

CHRISTOFOLETTI, Camila Fontanetti. **Análise comparativa de duas versões do conto de cinderela**: a de Charles Perrault e a dos irmãos Grimm. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/118674/christofoletti\\_cf\\_tcc\\_rcla.pdf?sequence=1/](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/118674/christofoletti_cf_tcc_rcla.pdf?sequence=1/)> Acesso em: 20 de Setembro de 2017.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 2003.

FALCONI, Isabela Mendes; FARAGO, Alessandra Corrêa. **Contos de Fadas**: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança, Bebedouro- SP, v. 2 (1): p.85-111, 2015.

FARIAS, Angelina S.; MOREIRA, Rosicleide S.; PEREIRA, Maria da Guia. **Dois faces do conto de fadas**: (re)pensando a Cinderela. Enlige. Campina Grande, Paraíba. 2015.

GOÉS, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1991.

GRIMM, Jacob e Wilhelm. **Contos maravilhosos, infantis e domésticos**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução a semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil brasileira**: história e histórias. São Paulo: Ática, 2006.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola**: sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SILVA, Aline Luiza da. **Trajetória da literatura infantil**: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade, Marília-S. P, v.2, n.15, p.136-149, 2008.

SILVA, Rosângela Neres Araújo da. Do clássico ao contemporâneo: duas leituras do conto de fadas. Disponível em:

[http://editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/TRABALHO\\_EV063\\_MD1\\_SA11\\_ID334\\_20062016103840.pdf/](http://editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/TRABALHO_EV063_MD1_SA11_ID334_20062016103840.pdf) Acesso em: 16 de Outubro de 2017.

SOUSA, Viviane. **A importância da prática da leitura desde os anos iniciais do ensino fundamental tendo como estratégia pedagógica o gênero literário.**

Minas Gerais, v.15, n.22, p.35-52, 2016.